A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

LILIANE PIRES DE OLIVEIRA FRANÇA

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo de produzir reflexões acerca da afetividade na educação entre professor e aluno e a família para um melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem e incentivo à socialização da criança. A metodologia utilizada é por meio de pesquisa bibliográfica. Os resultados e as conclusões do estudo demonstram que a afetividade como ponto de partida para todo processo de comportamento no domínio afetivo e educativo, proporcionando motivação, incentivo e participação da família junto à escola. Os resultados esperados, precisam indicar que indicar, portanto, se família e escola, professor e aluno para fazer com que o estudante cresça e se torne ser humano forte e mais integrado. A Afetividade é importante na Educação Infantil, e contribui para o desenvolvimento cognitivo e moral. A pesquisa destaca que a criança e afetividade são inseparáveis. Conclui-se que a afetividade é a fonte de energia que serve para a aproximação e aprendizado da criança. A afetividade não se resume em manifestações de carinho físico e sim em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo, pois é um fator indispensável na relação com as pessoas que estão em contato com o desenvolvimento da criança. Afetividade é para o desenvolvimento de um sujeito crítico, autônomo, reflexivo e responsável. A criança em qualquer lugar em que ela esteja se desenvolve como ser humano por meio de suas experiências com aquele lugar ou momento, e a afetividade deve permear em todos estes momentos.

Palavras-Chaves: Afetividade; Aprendizagem; Família.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da afetividade no ambiente escolar, na relação professor-aluno e na relação com o mundo, a pesquisa buscou contemplar uma revisão da afetividade na educação, para compreender as expressividades infantis, desenvolvendo um trabalho pedagógico que possa atingir o processo de humanização da criança.

A pesquisa tem a seguinte problemática: Partimos do princípio de que, a afetividade é de extrema importância para o processo de ensino, pois se a criança que tem vínculo de confiança com seu professor, como ela passa a ter mais interesse pela escola e consequentemente pelo conhecimento?

O interesse em apresentar este tema surgiu por meio de estudos realizados e de nosso curso e principalmente através dos estágios, no qual analisamos e percebemos tamanha a importância desta categoria para a formação das crianças.

Nesse sentido, o problema de pesquisa questiona-se que na educação infantil, a criança vai receber o suporte e apoio afetivo para a base do seu aprendizado? Pois é nesse momento que ela inicia o processo de aprendizagem, que vai desenvolver por muitos anos da sua vida.

Conforme exposto acima, pensamos no que deve ser feito pelo docente para diminuir esse impacto de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental; crendo que, inserindo algumas atividades, tais como jogos e gincanas em grupos, realizados em sala de aula para trabalhar a interação entre professor e aluno fará com que aquela criança se sinta acolhida por seu educador e irá desenvolver mais suas habilidades e competências por se sentir mais segura e feliz no ambiente escolar.

Este trabalho tem como relevância, compreender em que medida a afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, propondo entender que a afetividade é um conjunto de reações e ações por meio de que se manifestam as emoções, sejam estas prazerosas ou não. Entender que as crianças evidenciam sua afetividade de maneira negativa ou positiva. Além disso, buscam explicar que a afetividade interfere na relação do indivíduo consigo, com seus pares, com os adultos e na sua relação com o mundo, por isso, a afetividade está relacionada ao sentimento de amizade dedicação, cooperação e comprometimento.

E é sobre esse sentimento que queremos falar por acreditar que todo ser é um ser afetivo, e que a criança em especial precisa dessa atenção na nessa primeira etapa da vida longe dos pais. Sendo assim, a escola desempenha um papel valioso na formação do indivíduo, preparando-o para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania. Mais do que um espaço destinado à alfabetização e à aprendizagem de conteúdos, a escola influencia de forma significativa na formação moral. (VYGOTSKY, 1994).

Desta forma, esta pesquisa por tratar de um tema de extrema importância no processo de desenvolvimento socioafetivo, justifica-se sua relevância em entender a dinâmica construída em torno do que são as emoções das crianças e sobre como lidar com elas, abarcam as emoções no processo cognitivo, fazendo relação com a racionalidade.

Ressaltando que, pode ser observado em que na maioria das escolas, as crianças fi-

cam apenas paradas e sentadas, direcionando a sua atenção a apenas uma pessoa ou objeto. Isso faz com que a criança não desenvolva sua capacidade de questionar e desenvolver a sua criticidade e habilidades.

Para nós educadores, a aprendizagem não depende apenas do ensino de conteúdos: para que ela ocorra de forma significativa, são necessários afeto e movimento também. A afetividade é uma sensação de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos por influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo. Existem alguns transtornos que ocorrem devido à ausência ou pouco recebimento de afeto, onde os mais evidenciados são depressão, fobias, somatizações e ansiedade generalizada. Portanto, de acordo com Aranha (2006), é de suma importância que o afeto esteja ao lado do ensinar e o aprender, pois dessa forma, a criança se desenvolve de maneira saudável e favorável.

O trabalho justifica-se por analisar que a afetividade é importante na Educação Infantil, e contribui para o desenvolvimento cognitivo e moral. A pesquisa destaca que a criança e afetividade são inseparáveis. A afetividade é a fonte de energia que serve para a aproximação e aprendizado da criança.

Para Kishimoto, (1998) a afetividade não se resume em manifestações de carinho físico e sim em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo, pois é um fator indispensável na relação com as pessoas que estão em contato com o desenvolvimento da criança. Afetividade é para o desenvolvimento de um sujeito crítico, autônomo, reflexivo e responsável.

A criança em qualquer lugar em que ela esteja se desenvolve como ser humano por meio de suas experiências com aquele lugar ou momento, e a afetividade deve permear em todos estes momentos. Assim como explica Wallon

(1975), falando da experiência do eu com o outro.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela a própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159).

Assim, para o desenvolvimento deste estudo será utilizada uma pesquisa bibliográfica e documental, com embasamento em autores que dialogam diretamente com o tema, considerando as reflexões de alguns estudiosos como Jean Piaget, Henri Paul Hyacinthe Wallon, Lev Vygotsky, Aranha e Oliveira. Para apoio das ideias, realizaremos um levantamento de dados do aprendizado por meio da ludicidade e afetividade.

TEORIAS TRADICIONAIS E CONSTRUTIVISTAS

Até recentemente entendia-se que as práticas pedagógicas voltavam-se apenas para o aspecto cognitivo, não levando em conta a dimensão afetiva. Essa visão mudou depois de contribuições teóricas defendidas por autores como Vygotsky (1993) e Wallon (1968,1978), trazendo um novo conceito para a aprendizagem, superando o antigo. A afetividade está presente em todas as decisões que serão tomadas pelo professor, marcando o resultado final da aprendizagem.

A contribuição da afetividade no processo ensino-aprendizagem é fundamental, sendo um facilitador no processo. O professor deve conhecer a realidade de cada aluno, valorizando, respeitando e aumentando os laços para uma afetividade e um ambiente agradável de ensino.

O nexo que existe entre problemas de crianças e adolescentes e as questões da afetividade, pode ocasionar diversos problemas como: evasão escolar, repetência, drogas e até comportamentos agressivos e antissociais, sem subestimar outros fatores.

A relação professor e aluno antes baseados na disciplina e autoridade rompe novas barreiras, dando espaço para uma disciplina mais humanista de maneira a passar da lógica individualista para uma lógica mais comunitária e coletiva.

Apesar das variadas formas de ensino que transcorreram ao longo da história, o professor permanece como condição para a humanização e socialização das pessoas e fundamentos da sociedade, como forma de relação social construtiva da espécie humana, promovendo condição para o desenvolvimento e realização do aluno.

Ainda que suas diferenças sejam elaboradas culturalmente, mediante papéis e relações historicamente determinadas, em interesses distintos, tudo deve ser respeitado, e dado ênfase as diferenças, considerando o real papel de educador numa sociedade pluralista.

Precisamos entender o que estamos falando quando se trata de afetividade entre professor e aluno em sala de aula, aparentemente todos sabemos do que se trata, mais devemos estar atentos a grande importância desse termo que pode mudar o progresso nos estudos dos alunos.

Com o objetivo de debater a ocorrência dessa relação, mostrando condições positivas e as dificuldades para o trabalho de construção dessa parceria. Essa parceria será

mostrada a partir de vários ângulos, incluindo as perspectivas de autores em especial Henri Wallon.

O fato é que essa relação tem gerado discussões no âmbito pedagógico e leva a conclusões da sua importância no aprendizado.

Qual a consequência de tudo isso? Há diversos critérios para julgar, analisar e melhorar as práticas, elevando a categoria do ensino.

A principal preocupação de Piaget (1992) era o desenvolvimento humano, também entendido como sinônimo da inteligência e de estrutura cognitiva, reconhecendo que a afetividade é o agente motivador da mesma.

Para Piaget (1992), afetividade e inteligência são dois aspectos indissociáveis de uma mesma ação, ou seja, as situações que estimulam a inteligência repercutem na afetividade e também nas relações sociais.

A construção cognitiva e afetiva inicia-se num período que Wallon (2002) denomina como período impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida, onde a afetividade reduz-se a revelações fisiológicas da emoção, tendo como ponto de partida do psiquismo.

Wallon (2002) considera a emoção fundamentalmente social, a criança vista de maneira integral, buscando compreender o desenvolvimento de forma integrada, levando em conta os domínios cognitivos, afetivos e motor promovendo o desenvolvimento em todos os níveis. A escola além de ser um lugar que educa deve estudar a personalidade da criança.

O pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento, e, assim uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende seu base afetivo- volitiva.

Vygotsky (1994) evidencia a importância das conexões entre as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico humano, e questiona como a emoção modifica o pensamento. Acredita que a possibilidade de desenvolvimento cognitivo perdura para o resto da vida e a aprendizagem acontece através do meio social e cultural na interação com outros sujeitos.

Entender o processo de desenvolvimento do aluno é indispensável para a construção do conhecimento do professor.

Para que esse processo ocorra sem traumas é preciso respeitar e reconhecer que cada aluno é diferente, procurando introduzir práticas que satisfaçam as necessidades de cada um, por isso a afetividade é muito importante, pois através dela esse conhecimento dos alunos se torna mais rico e satisfatório.

Para a construção de seu método de análise, Wallon (2002) assumiu a perspectiva da psicologia genética. Considerava essa posição a mais adequada para estudar a transformação da criança em adulto, porque ele busca o sentido dos fenômenos em sua origem e transformações, conservando sempre a unidade.

Segundo Piaget (1992) a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais, costuma ser criticado por “desprezar” o papel dos fatores sociais no desenvolvimento do ser humano.

As proposições de Vygotsky (1994) acerca do processo de formação de conceitos nos remetem á discussão das relações entre pensamento, linguagem e ao papel da escola na transmissão de conhecimentos de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana.

Segundo Wallon (2002) o comportamento patológico é considerado como o laboratório natural para os estudos da psicologia, pois nessas circunstâncias é possível observar os fenômenos se transformando mais lentamente e assim permitindo observações mais precisas.

Para Wallon (2002) comparar não é assimilar, a comparação visa tanto as semelhanças como as diferenças, cujas condições são preciso identificar cuidadosamente. O contraste é um dos recursos mais surpreendentes pelos quais se opera a diferenciação.

A diferença entre a criança normal e patológica é profunda e não consiste apenas no contraste entre progressão gradual e contínua e um atraso de fixação de certos comportamentos.

Todos os comportamentos devem ser observados e tratados de maneira única, respeitando as diferenças, e analisando como pode ser solucionado da melhor maneira.

Para Wallon (1981) não podemos tratar as crianças de forma fragmentária. Em cada idade constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades é um único e mesmo ser em contínua metamorfose.

Para Kramer (1999), a concepção de infância da forma como é vista hoje é relativamente nova. Segundo a autora podemos localizar no século XVIII o início da ideia de infância compreendida como uma fase amplamente singular que deve ser respeitada em suas particularidades.

A valorização e o sentimento atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como hoje são concebidas e difundidas,

tendo sido modificadas a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social. Percebe-se essas transformações em pinturas, diários de família, testamentos, igrejas e túmulos, o que demonstram que a família e escola nem sempre existiram da mesma forma. (KRAMER, 1995, p.17).

Segundo Ariés (1981), as modificações ocorreram a partir de mudanças econômicas e políticas da estrutura social. Com o passar do tempo, como demonstra a história, encontramos diferentes concepções de infância. A criança era vista como um adulto em miniatura, e seu cuidado e educação eram realizados somente pela família, em especial pela mãe. Havia algumas instituições alternativas que serviam para cuidado das crianças em situações prejudicadas ou quando rejeitadas.

Ariés (1981) relata que até por volta do século XVI, não havia nenhum sentimento com relação ao universo infantil. A concepção de infância, até este momento, baseado no abandono, pobreza, favor e caridade, neste sentido era ofertado um atendimento precário às crianças; havia ainda grande número de mortalidade infantil, devido ao grande risco de morte pós-natal e às péssimas condições de saúde e higiene da população em geral. Em virtude dessas decorrências e dessas condições uma criança que morria era logo substituída por outra em sucessivos nascimentos, pois na época ainda não havia, como hoje existe, o sentimento de cuidado, ou paparicação, pois as famílias, naquela época, entendiam que a criança que morresse não faria falta e qualquer outra poderia ocupar o seu lugar.

Para o autor o período da infância era minimizado a seu período mais frágil, enquanto a criança ainda não conseguia bastar-se; ficava no seio da família, porém, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo introduzido meio dos adultos, compartilhando de todos os seus trabalhos e jogos. De uma criança inocente e pequena, está se transformava rapidamente em um jovem, deixando passar as etapas da infância.

A transferência de valores e dos conhecimentos, e de modo mais amplo, a socialização da criança, não era, portanto de nenhuma forma assegurada nem direcionada pela família. Esta criança se distanciava rapidamente de seus pais, e podemos dizer que durante muitos séculos a educação e a aprendizagem foi garantida graça a convivência da criança ou do jovem com outros adultos. Neste sentido a criança era inserida em meio aos adultos para aprender as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazerem-nas.

A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Isso não significa que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. (ARIÉS, 2006, p.158).

Neste sentido na visão do autor, no momento que a criança possuía pouca dependência, em média pelos aos cinco ou sete anos, mostrava-se que já estava preparada para entrar na vida adulta em todos seus aspectos. A criança era considerada um adulto em miniatura, pois eram designadas tarefas iguais as das pessoas mais velhas e todos os tipos de assuntos eram conversados na sua frente. A partir deste momento a criança era enviada para viver com outras famílias para desta forma aprender os trabalhos domésticos e os valores. Porém, com essa separação o sentimento ficava dissolvido.

Naquela época, a criança era levada à aprendizagem através da prática. Os trabalhos domésticos não eram considerados humilhantes, era constituído como uma maneira comum de inserir a educação tanto para os mais abastados, como para pobres. Porém pelo fato da criança sair muito cedo do seio da família, fazia com que ela escapasse do controle dos pais, mesmo que um dia voltasse a ela, tempos mais tarde, depois de adulta, o vínculo primordial havia se quebrado. O professor que toma posse dos estudos de grandes teóricos da educação, que se dedicaram a estudar esse tema, com certeza será um professor diferente, que nunca estereotipará o seu aluno como sendo "burro" ou "desinteressado".

Durante muito tempo segundo o Ariés, a infância foi colocada à margem pela sociedade e do seio familiar, exposta à vontade e as ordens dos adultos, ficando até mesmo numa situação de invisibilidade social. A observação em prol da infância deu-se de maneira lenta, em um processo de construção social.

Conforme Kramer (1995) as crianças foram vistas por muito tempo como seres imperfeitos e incapazes, e se encontravam em meios aos adultos sem qualquer capricho e atenção diferenciada. O que se pretende nesse artigo é discutir a importância da afetividade no ambiente da Educação Infantil, quais os benefícios que os profissionais da Educação conseguem detectar em seus alunos com o uso da afetividade no processo de ensino aprendizagem das crianças.

Esse olhar só mudou a partir do século XII. No que cabe ao respeito à infância, pode-se perceber que esta não tinha valor algum para a sociedade da época, pois sua própria família mantinha as crianças em segundo plano, não ofereciam a menor atenção, carinho, valor e respeito.

Para a sociedade medieval, o mais importante era que a criança crescesse rapi-

damente para poder participar e ajudar no trabalho e nas demais atividades do mundo dos adultos. Neste período todas as crianças por volta dos sete anos de idade, não importando sua condição social, eram inseridas em famílias estranhas para aprenderem a fazer os serviços domésticos.

Segundo o autor até mesmo perante a arte a infância foi ignorada. Por volta do século XII, a arte medieval não conhecia a infância como uma fase da criança, e nem ao menos demonstrava interesse em representá-la. É impossível compreender que essa ausência se deva tão somente à incapacidade ou a falta de habilidade das crianças. O mais provável é que não houve um lugar reservado no pensamento das pessoas neste período, para a criança.

Le Goff (1984) afirma que no universo romano, a criança dependia do pai para sua formação. O domínio do pai era completo e a criança que rejeitasse seu patrio poder era desprezada. A dependência do pátrio poder seria capaz de acolher ou enjeitar segundo os atributos físicos que mostrava, se apresentasse alguma deficiência, geralmente era recusado. O estudo sobre afetividade nos leva a outro patamar da educação, porque a afetividade na Educação Infantil não se preocupa em apenas transmitir conteúdos, certificar que a criança aprendeu a ler, escrever e sabe contar, não é algo mecanicista. O processo de afetividade no ensino não rotula as crianças, muito pelo contrário sabe que tem um jeito e que através da afetividade irá encontrar o caminho para conduzir a criança no caminho do crescimento.

Conforme Price (1996), na Idade Média prevaleceu o hábito cristão, dando uma nova visibilidade para a infância, neste período histórico, novos argumentos sobre a infância irão beneficiar uma condição melhor para as crianças. Aos poucos surgiu o entendimento e sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi estudado, entende-se que a afetividade na educação infantil, é importante para o aprendizado e formação da criança. A importância da participação da família para o desenvolvimento da criança, tanto cognitivo quanto afetivo. Para obter essas informações utilizamos de um questionário contendo perguntas fechadas e abertas, para podermos analisar o pensamento de cada professor sobre afetividade.

Conclui-se que os resultados esperados foram alcançados, uma vez que ressalta a relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, bem como deve ser a participação do educador nas diversas situações vivenciadas no dia-a-dia; mostra como funciona o desenvolvimento do processo cognitivo dentro do processo da afetividade, e as fases do desenvolvimento humano citadas por Piaget. Mostra como o lúdico contribui para o desenvolvimento infantil. E ainda como está à situação da educação e o descaso dos órgãos governamentais em relação à educação infantil, assim como os problemas enfrentados pelas instituições educacionais. Essa pesquisa teve como meta analisar qual a concepção de cada professor tem sobre afetividade, se eles consideram importante o uso da afetividade no processo de formação da aprendizagem da criança de zero a cinco anos.

Afetividade é o termo usado para designar o que vem a ser a relação de amor, e carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. É uma situação psicológica que permite as pessoas demonstrarem o seu sentimento e emoções a outro ser ou objetos.

A afetividade é de suma importância na educação, para uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias. A partir da educação afetiva podem-se desenvolver sujeitos conscientes no gozo de seus direitos e deveres. Sujeitos críticos que tem opinião própria, honestos em suas atividades, responsáveis por seus atos.

Como referencial teórico foram utilizados estudiosos como Wallon (2010), Chalita (2004), Antunes (2006), entre outros. Estes possibilitam o enfoque sobre afetividade nos processos de ensino e aprendizagem, numa perspectiva problematizadora e crítica.

A família tem papel fundamental na vida da criança, pois é a partir dela que a criança tem seus primeiros relacionamentos afetivos e através dela desenvolve o que aprendeu no meio social.

A criança leva para o meio social tudo aquilo que aprende em casa com a família, se ela é tratada com amor, carinho e compreensão, ela transmitirá essa e afetividade aos colegas e para os professores, caso ela não tenha uma relação afetiva com os familiares ela não conseguirá mostrar nenhum gesto de carinho, dessa forma agindo com agressividade e incoerência. A família é o alicerce desenvolvimento da vida da criança.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação e da Pedagogia. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia. Editora Saraiva, 13ª ed. São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autono-

mia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO. Tizuco Morchida. (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 3ª Ed. São Paulo: Cortez 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática; 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1996.

LIMA, Maria. Estágio e docência: diferentes concepções. In: Revista Poíesis Volume 3, Números 3 e 4, pag.5-24, 2005/2006.

PIAGET. VYGOTSKY. WALLON. Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus editorial,1992.

VYGOTSKY, L.S. A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes,1994.

WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea).